

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Samuel Edem Leite da Silva

**Criança como Construtor participativo do Conhecimento
Filosófico**

Orientador: Tadeu Queiroz Maia

Brasília

2011

Samuel Edem Leite da Silva

Criança como Construtor participativo do Conhecimento Filosófico

Trabalho de Conclusão do
Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade
de Brasília.

Professor Orientador:

Tadeu Queiroz Maia

Brasília

2011

Samuel Edem Leite da Silva

Criança como Construtor participativo do Conhecimento Filosófico

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Tadeu Queiroz Maia

Prof. Álvaro Sebastião T. Ribeiro

Profa. Sônia Marise Salles Carvalho

Brasília, 23 de novembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bondoso Deus, a quem antes mesmo que o amasse me amou e deu sua vida em meu lugar. Sou eternamente grato por tão grande amor demonstrado na cruz do Calvário, amado Jesus. Dedico não somente essa monografia, assim como toda minha vida a Ti

A minha querida esposa Angélica Monteiro, que me deu suporte em diversos momentos difíceis, sempre está do meu lado, e que tem se dedicado com tanto zelo a construir comigo uma família. Você é um sonho realizado e que me ajuda a projetar e alcançar tantos outros dentre esses a obtenção do meu curso de graduação.

Aos diversos outros membros de minha família que me apóiam em meus projetos e sonhos.

Ao amigo Samuel Brasileiro, que despertou em mim a paixão por estudar e a motivação para entrada na Universidade. Meu amigo mais chegado que irmão e concunhado Vinícius Vieira, por sonhar comigo e pela amizade sincera de irmão. Ao meu querido amigo Israel Mendes, pelo referencial de homem de caráter que és.

A amigas e amigos que fiz neste período, que tornaram meu caminho mais fácil e agradável, com suas palavras e conselhos, ao me ouvirem e me suportarem nos momentos difíceis.

Aos professores queridos da Universidade de Brasília a quem devo tanto em minha formação não somente profissional, mas como pessoa. Todos me proporcionaram crescimento, mas há aqueles que trouxeram algo mais dentro das minhas afinidades de pensamento: Tadeu, Álvaro, Cristiano, Kátia Kurado, Lívia Borges, Paulo Coelho, Sônia Marize. Ao meu querido mentor e pai espiritual Gregory McNutt. Espero que continuem me inspirando.

“Se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece”

Foucault, Michel, 1970 – L’ordre Du discours. Leçon inaugurale au College de France.

Resumo

A infância é a fase do desenvolvimento humano em que pouco se tem dado importância como momento em que o sujeito é participante na construção do conhecimento. O processo de ensino e aprendizagem nas escolas tem sido baseado na transferência de conhecimento dos “que sabem” para “os que não sabem”, levando em consideração que as crianças na maioria dos ambientes educativos não participam da elaboração dos conteúdos a serem estudados por meio de seu planejamento. Refletiremos a partir dessa compreensão verificar alternativas para que a criança, possa ser participante desse processo de educação a partir de uma prática filosófica em sala de aula. Compreendemos ser essa uma importante tarefa a ser cumprida em nossa geração, potencializando o ambiente escolar e dessa forma verificando a aplicabilidade de uma pedagogia dialógica na infância, tal como a defendida por Paulo Freire para uma educação popular. Realizamos uma revisão bibliográfica, passando por diversos autores com ênfase no “engessamento” da estrutura escolar através do currículo, em contraste das propostas libertadoras encontradas nas práticas filosóficas. Utilizaremos uma contraproposta metodológica através da observação e intervenção em sala de aula por meio do projeto da Faculdade de Educação, Filosofia na Escola e partiremos do pressuposto de que na atividade cotidiana escolar exista uma participação do professor como pesquisador a partir de sua experiência educadora. Portanto, a referida construção monográfica, parte das experiências apreendidas das práticas escolares proporcionadas pelas disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia, os Projetos 3 e 4.

PALAVRAS-CHAVE: Criança – Infância– Filosofia – Escola – Foucault

Sumário

Apresentação	8
PARTE I	9
Memorial	9
PARTE II	23
ESTUDO MONOGRÁFICO	23
Contra-metodologia	23
Introdução	24
CRIANÇA COMO SUJEITO HISTÓRICO	26
1. A criança no contexto atual	26
2. Envolvimento participativo da criança na educação	27
3. A criança atual gerada na revolução tecnológica	28
4. Crianças ou pequenos adultos?	30
CURRÍCULO PARA A FORMAÇÃO DE SUJEITOS HISTÓRICOS	31
5. Medo e Ousadia – Introdução de uma Crítica ao Currículo	31
6.. Filosofia na Escola e o Currículo Oficial	32
7. Currículo e/para Formação de Sujeitos Históricos	34
8. O Currículo como Tecnologia do Eu	36
9. Configurações no espaço escolar e a questão do poder	38
ABERTURA OU ANTI-CONCLUSÃO	40
PARTE III	44
Perspectivas de atuação como Pedagogo	44
Referências bibliográficas	47

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso teve sua origem no Projeto Filosofia na Escola, que cursei na fase 3 do projeto 3, assim como primeira e segunda fase do projeto 4. Tive como orientador nessa disciplina o professor Tadeu Queiroz Maia. As experiências na Escola Classe 304 Norte foram o objeto central da análise nas diversas partes que compõem o estudo presente.

A proposta deste trabalho é apresentar um breve ensaio bibliográfico que conceitue em um primeiro momento a infância e num segundo momento a escola, mais especificamente o papel que o currículo exerce numa relação de manutenção de poder, e a possível ruptura com a proposta de filosofia na escola, a qual permeia todo o trabalho.

Para tanto resolvemos realizar uma revisão bibliográfica da obra de Michel Foucault, e alguns autores que com ele dialoguem, doas quais percebemos que dentre os diversos mecanismos de manutenção de poder em nossa sociedade, encontra-se com papel coercitivo central a escola, e por força de lei, o currículo que ratifica práticas educativas tradicionais.

PARTE I – MEMORIAL

As primeiras lembranças da escola em minha infância não são muito agradáveis. Devido às condições financeiras de minha família fui muito cedo para o jardim de infância onde o medo daquele novo lugar me apavorava, o que me fez ser uma criança muito chorona em meio às outras. Não adiantou muito, tive que a contra gosto me acostumar com aquele ambiente estranho. Demorou para que essa estranheza passasse, e talvez a tenha até os dias atuais, mas aos poucos fui me convencendo de que era melhor me acostumar. E como isso tem feito parte dos mais de vinte anos de estudos. Ano após outro me intimidava por esse local que em grande parte da minha infância era sem sentido: os rituais ali realizados, a matemática que não tinha utilidade, as datas que tinha que decorar, os nomes estranhos da biologia e principalmente as provas que me aterrorizaram por tanto tempo juntamente com os outros alunos que ali me acompanharam.

Acho conveniente ressaltar que o contexto familiar é o primeiro em que me vejo como um ser humano em aprendizado e desenvolvimento, o que não necessariamente tenha sido uma atitude e preocupação de minha família. Falo isso por que reconheço hoje que muito do que aprendi foi através dos relacionamentos de amizade, de vizinhos ou até mesmo da televisão. Sobretudo a TV era a maneira que talvez encontrassem para me concentrar em alguma atividade, já que não dispunha de muitos outros recursos para brincar ou me desenvolver de forma mais saudável. Isso fez parte dos momentos de reunião familiar sempre a noite, quando a maioria das pessoas estava em casa, todos se reuniam para assistir a novela das oito.

Um elemento que não posso deixar de destacar nesse memorial é a minha criação dentro de uma doutrina cristã, e isso vem desde meu avô Jonas pai da minha mãe, minha família era então protestante batista. Como em nossa tradição fui apresentado à igreja assim que nasci. As escolas dominicais complementaram com certeza minha formação. Ali era um local onde aprender era mais legal, pois tínhamos histórias infantis, músicas, atividades lúdicas, etc. Tudo para aprendermos de maneira mais prazerosa. Decorei as ordens dos livros da bíblia, aprendi as histórias dos patriarcas Abraão, Isaque, Jacó e José, dentre outras, e ainda as histórias sobre a vida de Jesus.

A primeira igreja que lembro ter freqüentado com certa regularidade foi a segunda igreja Batista do Plano Piloto. Fomos morar por um tempo em Minas Gerais e quando voltamos a Brasília íamos a Igreja Batista Ebenézer, e eu continuei nessa denominação até os dezoito anos de idade, mudando para a Comunidade Evangélica Ministério Shekinah, da qual sou membro até os dias atuais.

A razão de ressaltar essa minha formação na igreja, é que talvez seja a principal razão de chegar até aqui e escolher a pedagogia como profissão e curso superior, sobretudo por causa das pessoas que ali encontrei e me relacionei. Os evangélicos são pessoas que consideram literalmente seus iguais como irmãos e, portanto, as amizades ali influenciam em todas as áreas da vida, inclusive os estudos. Ao contrário do que se tem falado a respeito deles, sempre tive uma liberdade imensa em argumentar, questionar e até mesmo filosofar sobre os diversos aspectos bíblicos. Ali muito se desenvolveu do meu intelecto para que fosse uma pessoa que gosta de ler e aprender.

Com certeza devo a esse ambiente a minha formação como pessoa em nossa sociedade e foi a esse local que minha família recorria nos momentos mais difíceis. A esperança foi ali encontrada e dessa forma ocorreram conseqüências ainda vividas por mim até hoje.

Minha alfabetização aconteceu na cidade de Montes Claros no Estado de Minas Gerais. Tínhamos como base em sala de aula a cartilha, em que deveríamos decorar as diversas lições ali apresentadas. Continuaram dessa forma, vez após outra um sentimento de não me interessar para o que ali estava acontecendo. Minha letra nessa época era muita garranchosa, e quando errava os decorebas da tabuada ou ultrapassava as linhas do caderno de caligrafia minha mãe puxava minha orelha como castigo. Era uma educação escolar baseada na dor como punição pelos erros cometidos e castigo certo caso não correspondesse ao esperado.

Lembro que o sentido das coisas que aprendia era tão distante da minha realidade vivida. Por exemplo, quase reprovei a terceira série por não decorar os números romanos da matemática. Até hoje não vejo sentido se isso não tiver aplicabilidade em algo da vida. Descobri algum sentido anos depois ao estudar de maneira mais prazerosa a disciplina história geral. Ainda assim meu maior inimigo

nas primeiras séries era a matemática. E por ela fui vencido na quarta série, tendo como castigo que repetir um ano inteiro. Depois tudo foi ficando mais fácil, pois o que já tinha visto no ano anterior ainda recordava muito bem.

O ano de 1994 é uma fase de minha infância que mais recordo, pois foi bem nessa época que minha família passou por diversas dificuldades financeiras. Alguns anos antes minha mãe havia rompido do segundo casamento e tinha perdido o emprego e ainda assim precisava sustentar a ela e três filhos. Voltamos para Brasília e fomos todos morar em uma quitinete muito pequena em Taguatinga e passávamos por vários problemas por causa dessas condições. Pois esse foi o ano exato de minha reprovação. Ninguém em casa tinha tempo pra pensar em acompanhar o que acontecia na escola e lembro que uma das maiores reclamações a meu respeito por parte da professora era o não cumprimento das tarefas pra casa.

As notas em meu boletim sempre foram medianas, somente o suficiente para passar de ano. Os professores sempre frisaram ao entregar os boletins bimestrais que eu havia passado raspando. Alguns chegaram a aconselhar a minha mãe me dar uma surra pra ver se eu “dava jeito”. Um dia fiz um desenho no caderno durante a aula e a professora chamou minha mãe para conversar. Quando minha mãe chegou em casa trazia um cipó que segundo a professora iria adiantar como punição. Acho que essa foi a surra mais violenta que levei em minha infância.

Algo que marca minha infância é a constante mudança de escolas por causa das mudanças de locais de moradia que decorriam pelos atrasos dos pagamentos de aluguel, cortes de luz e água por falta de pagamento. Essa área financeira em minha infância é muito marcante. Como poderia me dedicar à escola se faltavam elementos básicos em minha casa?

Apesar dos problemas continuei a rotina que pra mim era imposta, e ano após o outro descobria outras formas de gostar da escola. Lá foi o primeiro local a perceber o despertar de interesse pelas meninas pra um relacionamento amoroso. Ainda na terceira série me apaixonei por uma menina que estudava em outra sala e os únicos momentos que a via eram a hora cívica na entrada e a hora do recreio.

O meu desenvolvimento social na escola era muito retraído, não sei por quais motivos. Talvez pela falta de condições. Dessa forma cresci muito timidamente. A comunicação era um problema muito sério pra mim, apesar da inquietação em sala de aula. Não conseguia ficar sentado durante quase cinco horas e um dos castigos que uma professora achou que seria eficiente foi me colocar de pé durante uma aula inteira.

Esse interesse por estudar foi somente explorado anos depois. Passei por uma fase um pouco difícil no início de minha adolescência e muitas brigas e conflitos em minha família fizeram que meu desempenho escolar decaísse muito. A quinta série foi uma mudança muito drástica em meu ritmo de escola. De repente muitos professores diferentes. Lembro que mais ou menos três vezes por semana tinha que ir ao turno contrário do que estudava para a aula de educação física. Por um lado eu achava legal, me sentia adulto. Por outro mais coagido, quando a intimidade com o professor acabava. Lembro de ter sido repreendido por uma professora de português por tê-la chamado de tia. “Tia não, eu não sou irmã de sua mãe nem de seu pai!” disse ela. Pedi desculpas, mas fiquei triste por isso.

Foi também nessa época que arranjei algumas brigas e sofri um pouco do que hoje é conhecido como bullying. Acho que os motivos podem ter sido preconceito por causa da minha cor, eu não sei bem se era isso por que ao estudar numa escola pública acreditava que todos estão mais ou menos na mesma classe social e muitos são negros também. Apesar disso lembro-me de amigos contando vantagem a respeito de quanto o pai de cada um ganhava. Era muito para o que minha mãe ganhava, então, não entendia por que pessoas ricas que ganhavam tão bem mantinham seus filhos em escola pública.

Como competir com essas pessoas com famílias tão mais estruturadas que a minha? Um exemplo como esse não tinha sentido, além de me magoar mais ainda por não ter tido essa figura de pai presente em minha família. O meu verdadeiro pai nunca apareceu, e eu nem sabia motivos da separação que ocorreu quando ainda era muito pequeno, portanto eu não tinha uma imagem dele. Até que um dia visitei meus familiares paternos e ele estava lá. Ele não tinha um bom aspecto, e parecia que sempre estava bêbado. Perguntei para minha mãe o que tinha acontecido no passado para que eles se separassem. Ela me

explicou que ele bebia muito e a traía, e que quando chegava em casa batia nela quando brigavam, assim como o segundo marido de quem tínhamos fugido de Minas Gerais.

Minha adolescência foi também marcada com um encontro a cultura de rock brasileiro. O primeiro contato foi por uma fita cassete gravada por uma vizinha que eu não lembro o nome. E tinha um monte de músicas do Legião Urbana e outros. “Via Láctea”, “Índios” e “Pais e Filhos” marcaram essa fase e uma crescente vontade de me libertar que aos poucos compartilhei com amigos que mais ou menos tinham o mesmo sentimento. Não conseguia entender como tudo aquilo acontecia comigo de uma forma tão rápida. A transformação do meu corpo adolescente trouxe também um sentimento estranho. Uma impulsividade e uma rebeldia associada à realidade de pobreza que vivia.

As brigas em casa eram constantes e sempre apanhava muito da minha mãe. Meus irmãos também brigavam muito. Hoje nem sequer lembro dos motivos. Talvez nem os tivéssemos, mas é muito estranho o que acontecia nessa época que nem consigo descrever. Apanhava da minha mãe com qualquer coisa que tivesse por perto: madeiras, canos, fios, cinto, etc. Talvez fosse apenas para descontar em mim o que acontecia com ela.

Por causa do que sofria, comecei a faltar muito às aulas. Tinha conquistado com a quinta série uma autonomia para sair de casa sozinho. Saía de manhã e fingia que ia pra aula, ficava caminhando pelas ruas de Taguatinga Norte e não via muito sentido em minha própria vida. Comecei então a faltar muitas aulas nesse período, o que se estendeu no ano seguinte. Mudamos nesse ano para a cidade Cruzeiro e lá me envolvia com pessoas que também estavam desmotivadas com a escola. Sofri muito preconceito nessa época e eu tinha um grande complexo de inferioridade. Minhas atitudes buscavam uma afirmação em algum tipo de apoio.

Na rua, consegui achar alguns amigos que se juntavam pra beber e se drogar e às vezes pichar muros de casas. A mídia chamava de gangue, a gente se chamava de galera. Comecei a gostar de fazer amigos que podiam ao mesmo tempo, trazer alguma alegria, fazer companhia, compartilhar momentos felizes, e se protegerem de outros que quisessem fazer algum mal as pessoas da galera.

Meio iludido, me envolvi ali com brigas que não eram minhas e por duas vezes fui parar na delegacia da criança e do adolescente.

Reprovei a sexta série, novamente por causa da matemática, e provavelmente por conta da influência de amigos que tinha só que dessa vez não sofri tanto por estar totalmente desmotivado a estudar nessa fase. Essa foi a fase mais obscura da minha vida. Os problemas estavam sérios a ponto da minha mãe mudar de cidade para evitar meu envolvimento cada vez maior.

Voltamos para Taguatinga, e a escola pra mim se tornou um local de me envolver com muitas meninas. Eu tinha apenas quatorze anos e o “ficar” se tornou uma atividade constante. Ficar em minha época significava que você beijaria o máximo de meninas que conseguisse. Isso foi ótimo para melhorar minha auto-estima. Foi nessa época que as coisas começaram a melhorar pra mim.

Com dezesseis anos voltei a frequentar a igreja e abri mão de várias práticas que vinha até então cometendo. Isso pode parecer engraçado e até um pouco óbvio, mas com certeza minha vida foi definida nessa fase. A escola se tornou mais prazerosa, apesar de ainda ter muitos problemas em minha casa, a igreja parecia um local de refúgio. Muitas amizades feitas nessa época na igreja permanecem até hoje.

O rock voltou a fazer parte da minha vida nessa época de uma maneira ainda mais forte. Um estilo, uma cultura, uma maneira de viver me motivavam e aos poucos me vestiam. Eu me comportava com um estilo chamado pela galera da época de *underground*. Ao mesmo tempo me apresentavam na igreja uma alternativa para o gosto musical cristão, foi assim que conheci o rock gospel.

Cheguei a formar algumas bandas de rock, mas nenhuma durou tanto. No início me interessei por tocar guitarra, mas desisti pela falta de condições financeiras para comprar um instrumento. Dessa forma alguns amigos me falaram que eu tinha talento pra cantar, e assim iniciei essa parte da minha vida com um envolvimento musical. Já havia ainda criança participado de pequenas apresentações de canto, mas nada muito sério.

Na escola as coisas iam bem. De repente, descobri uma paixão pela história, mais especificamente fiquei fascinado pela arqueologia, muito influenciado pelo que tinha visto nos filmes do Indiana Jones. Muito dessa motivação, devo a uma professora da sétima série que realizou um trabalho

investigativo na Biblioteca Demonstrativa de Brasília onde tivemos contato com documentos antigos e livros da época da libertação dos escravos. Apresentamos todo o material em uma feira de exposições promovida pelo colégio.

Uma disciplina que nessa época chamou minha atenção foi Português. Tinha muita facilidade em aprender mais sobre nossa língua e as notas sempre eram boas, o que me motivava a estudar melhor e com mais alegria.

A motivação para estudar história nos anos seguintes foi tão grande que escolhi a profissão futura de professor, pois tendo por base minha própria experiência talvez eu também pudesse modificar a realidade da escola para que isso fosse mais atrativo. Dessa forma, em pouco tempo, me tornei muito bom em várias matérias que antes detestava.

Abri meu interesse para ir além do que me passavam na escola. Passei a freqüentar mais a biblioteca e comprar revistas que falavam sobre história. Assim, me dedicava cada dia mais aos estudos, embora a essa altura tivesse já perdido alguns anos por causa das reprovações.

Por mais que na escola ou na igreja as coisas tivessem tomado um novo rumo, em casa isso não modificou, principalmente por causa dos motivos financeiros, e as mudanças continuaram me atrapalhando e me impedindo de estabelecer amizades duradouras e que ficasse em uma escola por mais que um ano.

Ou seja, não tinha como modificar minha maneira de lidar com o mundo se em minha família as coisas não iam bem. Foi uma época bem complicada e ao mesmo tempo desafiadora pra mim. Lembro que no meu aniversário de dezessete anos minha mãe me falou: “esse é o ultimo presente que eu vou te dar, porque a partir de agora você vai ter que trabalhar”. Assim teria que me dedicar o dia inteiro para o trabalho e teria somente a noite para os estudos.

Dessa forma eu iniciava meu ensino médio, e as expectativas de realizar um curso superior eram remotas. Lembro que uma vez minha avó me aconselhou a trabalhar como pedreiro para que eu conseguisse muito dinheiro. Aos poucos, fui trocando meu sonho de ser professor de história por outras tantas profissões que me aventurei.

A escola foi ficando de lado, à medida que chegava em sala de aula cada vez mais cansado por ter trabalhado o dia inteiro. Primeiramente trabalhei em

comércio em uma loja de artigos de 1,99. Chegava às 7 da manhã e saía às 18 horas, com 1 hora de almoço. Nesse lugar carregava caixas pesadas, além de limpar o chão de manhã e de noite. Por todo esse trabalho ganhava a extraordinária quantia de 250 reais por mês.

Com o dinheiro que ganhava dava boa parte pra minha mãe para o sustento de nossa casa. Por causa do trabalho, faltava muitas aulas por estar tão cansado, com isso reprovei o segundo ano do ensino médio.

Apesar da tristeza de reprovar de ano não desisti e refiz novamente o segundo ano. Dessa vez em uma escola da cidade Guará que tinha uma característica bem diferenciada das demais escolas que havia freqüentado até então. Lá os professores não faltavam às aulas, a estrutura da própria escola era muito boa: banheiros sempre limpos, paredes pintadas, tudo isso em razão de uma diretora muito rígida que mantinha a escola sempre em ordem quase militar.

Passei por vários empregos diferentes nessa época, trabalhei como Office boy, vendedor, caixa em uma livraria. Enfim, continuei a mesma rotina de trabalho durante o dia, escola à noite e descanso no final de semana que ainda era preenchido pelos trabalhos na igreja em sua grande maioria.

Muitos conceitos sobre Deus modificaram em minha concepção à medida que percebi que o verdadeiro evangelho era não baseado em teologias, mas em um relacionamento pessoal e íntimo com Deus. Com isso procurei me aprofundar nessa relação, e tive experiências incríveis que continuam me marcando até hoje.

Todo esforço que realizava parecia não ser suficiente para minha família e eu não sentia muito estímulo de prosseguir em meus estudos. No final do terceiro ano do ensino médio, fui demitido e o concluí desempregado, sem expectativas do que fazer no futuro.

Fiquei um tempo assim, até que muitos dos meus amigos começaram a estudar para o vestibular da UnB, alguns passaram, outros entravam em cursinho preparatório e eu permaneci ainda um pouco no ócio. Até que um dia um amigo me influenciou a usar o meu tempo para estudar para o vestibular. Conversou comigo por um tempo e falava que disso dependia meu futuro e que se eu gostava de alguma área era hora de investir nisso.

Comecei a estudar tudo o que me lembrava do ensino médio. Ia pra biblioteca de manhã e só voltava a noite para casa. Percebi que alguns dos

conteúdos que eu havia aprendido na escola não compreendiam tudo o que era exigido no vestibular da UnB. Portanto resolvi tentar algum dinheiro pra pagar um cursinho pré-vestibular que ficava perto da escola que estudava. Para isso resolvi vender brigadeiro na escola e no cursinho para pagar as mensalidades, já que havia perdido o prazo para participar de uma prova e solicitar bolsa de estudos.

Certo dia estava na porta do cursinho vendendo brigadeiros e ainda não tinha conseguido o valor para a primeira mensalidade, de repente um dos professores apareceu e me chamou. Ficou sabendo a minha dificuldade em pagar pelos estudos e estava disposto a falar com o dono do cursinho para me dar a oportunidade de ganhar isenção parcial de estudos. Fiquei muito feliz pelo ocorrido, e vi nisso a oportunidade da minha vida.

Dessa forma comecei meus estudos no cursinho preparatório para o vestibular da UnB. Nesse momento percebi o quanto eu não havia aproveitado o meu tempo na escola já que o conhecimento ali apresentado era totalmente novo. Principalmente na matemática tive que correr atrás do prejuízo e senti muita dificuldade com a resolução das provas da UnB.

Esse foi um tempo desafiador em minha vida. A medida que estudava com vários outros alunos que vinham de uma realidade social completamente diferente da minha. A maioria eram alunos de escolas particulares e tinham uma base bem melhor que a minha. Isso poderia ser um empecilho, porém se tornou como um desafio maior a ter. A orientação que tinha para esquematizar os meus estudos foi de muito valor, pois aprendi a como me organizar nos estudos.

No cursinho sempre haviam simulados para a prova da UnB e eles mediam como a gente estava se saindo em relação ao conteúdo estudado. De trezentos alunos eu estava em 10º em exatas e 5º em humanas. Considerando que nos simulados concorria com pessoas para cursos bem mais difíceis de passar percebi que estava me saindo bem. O que me estimulou ainda mais.

Mais uma vez nesse momento tive a intervenção da minha mãe nos meus estudos quando por diversas vezes tentou me desencorajar a parar de estudar e procurar um emprego já que estava na época desempregado.

Ainda estudando no cursinho comecei a correr atrás de emprego e consegui uma vaga em uma empresa de telefonia e internet. Quase rejeitei a proposta, mas fui forçado pela minha mãe a aceitar. Dessa forma tive que reduzir

meu tempo de estudos para somente o turno da noite. Mais uma vez estava desiludido com relação ao meu futuro. Parecia que quando algo bom acontecia em minha vida logo tinha que desistir por causa das condições financeiras. Mas não desisti continuei estudando muito.

Nos simulados comecei a me dar melhor, cheguei a ficar em 1º lugar em humanas e em 3º em exatas, isso pra mim bastaria para entrar com uma boa nota no curso de história. Apesar de minhas expectativas serem boas reprovei na prova de redação. Dessa maneira prestei o primeiro vestibular em 2005. Apesar de ter tirado notas boas nos dois dias reprovei a redação. Não desisti e continuei a estudar muito para a prova do meio do ano pois sabia que teria mais vantagem em relação ao número de vagas. Mais uma tentativa frustrada e ainda assim não desisti.

Depois de já haver tentado três vezes estava cansado e parei de tentar por um semestre. Nessa época as coisas não iam bem em casa e por diversas vezes minha mãe falava pra eu sair de casa durante brigas. Estava trabalhando em uma empresa de habitação e ganhava melhor do que antes. No entanto durante alguns meses o pagamento atrasou por diversas vezes, e o conflito em minha casa aumentava por diversos motivos.

Em meu círculo de amizades na igreja comecei a me interessar por uma pessoa que pra mim se tornaria mais que especial. Um sentimento que nunca havia experimentado antes me tornou muito apaixonado. Comecei a perceber essa diferença a partir do momento em que vários amigos estavam reunidos e ela não estava. Tinha uma certeza muito grande que um amor verdadeiro surgiu em meu coração. Não sabia como definir o que é amor, mas sabia que era exatamente o que eu estava sentindo em relação a Angélica.

Ela foi um apoio muito grande em momentos difíceis que ainda havia de passar e com certeza fez a diferença pra o que eu fosse o que sou hoje. O nosso namoro começou então em uma fase complicada em minha casa, tivemos diversos problemas provocados por ciúmes da minha mãe e em uma delas fui expulso de casa.

Fui morar em uma sala da igreja que freqüentava com a autorização dos pastores. Um dos meus amigos do cursinho passou para pedagogia e me influenciou a escolher um novo curso que seria mais fácil e que eu iria gostar. Me

inscrevi para o segundo vestibular de 2007 e sem ter freqüentado o cursinho, de uma vez por todas consegui passar pra UnB.

Estava trabalhando em uma empresa de tecnologia e surpreendentemente fui demitido. Meu chefe justificou que o curso que eu havia escolhido não tinha relação ao meu trabalho e portanto não seria mais necessário eu estar ali. Tive que voltar para casa, porém agora seria o orgulho da família por ter passado na UnB. Esse meu retorno não duraria muito, pois aos poucos as brigas recomeçaram e aquele ambiente que já não me era agradável a tanto tempo se tornou insuportável.

Assim que entrei na UnB fiquei sabendo dos programas para alunos de baixa renda, e assim consegui um estágio na reitoria da universidade. Percebi que assim conseguiria me manter e estudar ao mesmo tempo na universidade apesar de o serviço por mim executado não tivesse a ver com o curso.

Esse início na UnB foi empolgante e prazeroso, principalmente por perceber que o local onde andava era histórico. Pouco antes de entrar, tinha assistido o filme barra 68 e parece que profeticamente o movimento estudantil havia ressuscitado com a ocupação da reitoria.

As primeiras matérias eram ótimas e guardo muito do conhecimento que experimentei através de disciplinas como antropologia da educação e investigação filosófica. Em pouco tempo, no entanto, fui cansando e pensei em desistir no 3º semestre. A desmotivação me tomava toda vez que alguém que considerava, falava mal do curso que estava fazendo não valia a pena, porque era muito fácil passar e na UnB era tido como o curso mais fácil de fazer.

Até que conheci a professora Lívia na disciplina Projeto 2. A maneira que agora me era apresentado o curso de Pedagogia me fez mudar completamente a visão em relação ao curso, ao mesmo tempo me fez sentir orgulho de querer ser pedagogo. Realizei um trabalho de pesquisa de campo, e juntamente com outros alunos descobri diversas áreas de atuação do pedagogo. Em minha pesquisa fui até a Vara da Infância e Juventude, onde descobri que a chefe da Seção de Assuntos Técnicos era pedagoga. Ela coordenava vários profissionais para auxiliarem nas decisões judiciais para as crianças em situação de risco.

Através do projeto 2 aprendi detalhadamente a formação legislativa e curricular do curso de pedagogia e mudei também completamente minha

concepção acerca do profissional que me tornaria. Já que também o curso me dava a oportunidade de escolha sobre qual área de conhecimento transitar, passei a me dedicar um pouco mais a área de formação curricular. Estive dessa forma envolvido durante o Projeto 3 com o Grupo de Pesquisa sobre formação e atuação de professores, sob a supervisão da professora Kátia Curado.

Ainda no terceiro semestre, trabalhava durante o dia e estudava a noite, chegava em casa bem cansado. Tinha voltado a morar com minha mãe, mas não dava pra ajudar com dinheiro como antes, pois ganhava bem menos, somente o suficiente pra me sustentar na faculdade. Depois de algumas brigas fui novamente expulso de casa. Dessa vez fui morar provisoriamente na casa de um amigo. Tentei a bolsa de moradia na UnB e assim fui morar na Casa do Estudante na UnB.

Morei na CEU por dois anos da minha graduação. Apesar de odiar aquele ambiente, sabia que era necessário passar por isso. Dormir lá somente era possível a partir das duas horas da madrugada. Criei estratégias para conseguir morar lá, como dormir com fones de ouvidos. As pessoas que moravam comigo eram todos de cursos de exatas e a linguagem deles era totalmente diferente da minha. Alguns conflitos eram ali causados principalmente pela limpeza do apartamento. Tentei criar algumas regras, mas não adiantou. Me acostumei com aquele ambiente estranho.

Enquanto realizava matérias obrigatórias e optativas do curso, percebi a oportunidade de transitar em diversas áreas de conhecimento dentro da UnB. Desse modo realizei disciplinas na Psicologia, no Decanato de Extensão, no Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, na Música e principalmente na História, que ainda é minha grande paixão de estudo extracurricular. Essa oportunidade que tive na UnB é para mim de grande valor, embora hoje eu saiba que poucos alunos se interessam por transitar na universidade. Isso fez parte do sonho idealizado por Darcy Ribeiro e Anízio Teixeira ao idealizar a UnB há cinquenta anos.

No sétimo semestre, tive a maior alegria da minha vida até agora que foi o meu casamento com a Angélica. Tivemos uma cerimônia reservada para os melhores amigos e família, uma lua de mel maravilhosa, e fomos morar em Taguatinga. O casamento, desde a simples vontade de casar, tem sido um

desafio muito grande em minha vida, ao mesmo tempo recompensador, na medida em que diante de Deus decidimos assumir a vontade de andar pela fé, formamos uma nova família e cremos que esse mesmo desafio se torna suave quando semeamos em nossa casa um amor que é acima de tudo.

Por causa da distância da minha casa para a UnB, senti muita dificuldade com esse semestre e desisti de muitas disciplinas obrigatórias que cursava. Trabalhando no Cespe, tive muitas dificuldades em conciliar o semestre e a distância de casa, mas principalmente o cansaço modificou um pouco meus planos de formação na pedagogia em quatro anos.

Por causa do horário tive que sair do projeto de pesquisa que fazia parte e passei a realizar leituras mais voltadas a própria pedagogia. Em uma fase mais madura da graduação busquei um horário de projeto 4 que se adaptasse melhor a minha realidade e que tivesse um envolvimento maior com o que gosto de estudar. Foi então que no momento de escolha das matérias vi o projeto de filosofia na escola. E um dos professores que já tinha contato era o orientador responsável.

Dessa forma me matriculei para realizar o estágio e trabalhar no momento mais emocionante da minha graduação até então. Apaixonei-me pelo ambiente escolar da escola classe 304 norte. Enquanto fazia observações no colégio percebi o quanto as crianças são receptivas e como se interessam pela filosofia. Conheci uma professora que apesar de ter pós graduação, já ter trabalhado em faculdades e ter outros cursos de pós graduação é apaixonada pelo que faz e prefere ser professora da educação básica. Ao mesmo tempo conheci um professor que considero um dos piores que já pude presenciar até agora, recém formado na UnB ele se comportava em sala de aula de maneira não profissional. Aprendi muito. Com a professora aprendi como ser um pedagogo, com o professor, aprendi como não ser um pedagogo.

Associei os estudos individuais, que até então havia sido somente para minha própria alegria e prazer em estudar, aos planos de aula realizados. Percebia a cada aula ministrada como era bom compartilhar o conhecimento, e como foi bom aprender com aquelas maravilhosas crianças. Talvez no último momento, na última oportunidade, tenha reencontrado o sentido de querer ser professor e de modificar pessoas através da educação.

Foi tão prazeroso todo o momento que passei na UnB, como dizem que tudo que é bom acaba logo, estou então no fim da graduação. Nesse momento estou no 9º semestre escrevendo o Trabalho Final de Curso e um sentimento de nostalgia é o que me faz ter, talvez, o mesmo sentimento que se mistura a vários outros e que de alguma forma me impulsiona a prosseguir em minha vida. Aquele mesmo sentimento de estranheza no início de tudo ainda está aqui e me incomoda um pouco. Mas viver é correr riscos, e estou prosseguindo.

PARTE II - ESTUDO MONOGRÁFICO

CONTRA-METODOLOGIA

O projeto de filosofia para crianças vai um pouco contra a correnteza no que diz respeito a rigidez acadêmica que muitas vezes se confunde com a ideologia positivista. No entanto encontramos em diversas referências que se dizem inovadoras que construções monográficas devem ter um formato prévio tal como orienta a ABNT- Associação Brasileira de Normas e Técnicas.

Proponho nesse trabalho, baseado na obra “O Que Pesquisar Quer Dizer” de Juremir Machado da Silva, uma Contra-Metodologia ou uma antimetodologia positivista que consiste em três momentos que buscam intercalar teoria e prática, revalidando a práxis acadêmica evidenciada por Paulo Freire. Portanto não delimito aqui um caminho fixo, pois o mesmo poderia ser contrario a proposta desse trabalho.

No entanto percorreremos um caminho que tal como evidenciado por Silva(2010) não convencional e não linear:

“A cobertura só se completa quando o descobrimento se realiza. Cobre-se para descobrir. Cobre-se para “desencobrir”. Esse processo passa, ao menos por três fases: estranhamento (procedimento antropológico de saída de si por meio do qual o pesquisador tenta abstrair os seus valores, trocar de “lente” ou simplesmente colocar de lado seus pré-conceitos), “entranhamento”(procedimento compreensivo e fenomenológico de empatia por meio do qual o pesquisador mergulha no universo do outro, tentando, na medida do possível, colocar-se no lugar desse outro para sentir aquilo que lhe escapa, viver uma experiência que não é a sua, praticar a diferença como repetição de uma vivência) e por fim, “desentranhamento”(procedimento por meio do qual o pesquisador sai do outro, volta a si, retoma seus valores, afetado pelo objeto, e numa abordagem dialógica busca narrar o vivido...) ”
(Silva, 2010, p 14)

Em todo nosso percurso, procuramos realizar esse estudo dessa maneira para que a pesquisa não esteja desconectada ao projeto de intervenção. Buscamos conhecer bem quem é o sujeito do qual relatamos e qual a estrutura educacional que se projeta em nossos dias. Nos apoiamos portanto em toda essa base estrutural de estranhamento, entranhamento e desentranhamento.

Desse modo utilizaremos os referenciais teóricos que corroborem a práxis desejada.

INTRODUÇÃO

Durante o curso da humanidade o historiador tem dado ênfase em um primeiro momento ao sujeito histórico como aquele representado pelo destaque, sobretudo segundo as relações de poder que determinada figura representa. Então, sujeitos históricos, numa perspectiva tradicional, sempre estão projetados pelos grandes monarcas, políticos, e principalmente por intelectuais - quando nos reportamos ao interesse academicista. Uma nova história, no entanto, decorrente da revolução do pensamento francês, se desperta em Annales que aponta para pressupostos diversificados para a construção histórica (Burke, 1997), e é sobre esse argumento que iniciaremos o estudo sobre a participação das crianças como construtoras de seu próprio contexto sócio-histórico, por meio da educação escolar.

As relações de poder são apresentadas na teoria de Foucault representam a separação que existe da relação dominador e dominado, quando através dos discursos, a vontade de verdade que atravessou muitos séculos de nossa história, é de forma geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber. Esse sistema então faz o papel de sistema de exclusão. É por esse autor conceituado como sistema histórico e institucionalmente constrangedor. Assemelha-se a relação oprimido-opressor afirmada por Paulo Freire(1987).

Foucault sintetiza que o conhecimento como “vontade de verdade” apóia-se sobre um suporte institucional, pois é a todo momento reforçada e reconduzida por todo um conjunto compacto de práticas, como a pedagogia. Nessa sistematização identificamos na tentativa de manutenção de um poder coercitivo do Estado como detentor da formulação da legislação educativa e das regras curriculares em nossos dias.

Já que esse sistema é historicamente constituído, torna-se muito difícil sua ruptura e talvez a simples menção sobre mudanças provoque certo desconforto para os que sustentam que o ensino deva ser tradicional.

Partindo desses pressupostos teóricos tento relacionar no estudo monográfico ambos os temas, para quem em meio experiência de sala de aula possamos verificar uma modificação dos padrões e através da experiência filosófica escolar, provar a possibilidade de que crianças podem ser co-participantes de sua atuação escolar.

Tentamos através de diversos teóricos situar a infância no contexto histórico atual: quem ela é, seus anseios e particularidades. Partimos do pressuposto que muitas vezes o que é ensinado se difere do que o aluno quer aprender e, portanto desse conflito gere desconforto em todo processo educativo. A inquietação inicial corrobora nossa prática para situarmos a aplicabilidade dos termos aqui utilizados, desse modo lançamos mão de uma análise de cunho diversamente qualitativa. Trata-se também de um estudo cultural como o proposto por Tomaz Tadeu da Silva(org. 2008) em Alienígenas em Sala de Aula, pois a prática de filosofia na escola é não somente interdisciplinar mas antidisciplinar, uma vez que se torna, em alguns casos, contrária a prática escolar vigente.

Torna-se necessário para isso que a prática escolar seja permeada pela dialógica proposta por Paulo Freire para que realmente a pessoa se sinta parte do seu processo de educação. Esse processo ao mesmo tempo simples se tornou complexo quando espera-se de ambas as partes saibam o lócus e função desejada para que o processo educativo participativo seja exitoso.

Ao final salientaremos as experiências vividas em sala de aula. pressupomos dessa forma que a criança pode ser então o sujeito histórico para participação do seu próprio conhecimento filosófico.

CRIANÇA COMO SUJEITO HISTÓRICO

1 - A criança no contexto atual

Diversos autores têm estudado o papel da infância na sociedade. É necessário saber quem é a criança, como ela se percebe e como o mundo a enxerga. Constata-se que essa é uma obrigação do profissional, cujo objeto específico de trabalho é essa pessoa, em seu estágio de desenvolvimento.

No Brasil, a legislação que respalda o direito e o desenvolvimento da criança exige que os profissionais que atuem na educação infantil se responsabilizem por sua proteção integral e que a tratem como um bem maior da nação.

O artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA legisla que “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Entretanto, percebe-se na sociedade, que o objetivo da formação educacional está prioritariamente relacionado à preparação para o mercado de trabalho. Nesse caso, o processo educativo é reduzido a somente um instrumento de geração de lucro, não visando o crescimento crítico, intelectual e criativo dos educandos.

Observa-se que não é previsto na lei a participação da criança nessa formação. O referido exercício da cidadania, tal como a conceituação básica premissa, é desprezado quando confere-se que o poder de decisões está concentrado no ator mais próximo ao aluno: o professor, seguido pela equipe gestora e órgãos reguladores e normativos.

As duas leis básicas que tratam sobre a criança, ECA e LDB, não contribuem diretamente para a participação da criança em sua própria formação, apesar de mencionarem a respeito. Portanto, as vontades das crianças não são levadas em consideração, nem por legisladores, tão pouco por executores dessas leis, havendo assim um distanciamento entre o proclamado e o vivido.

Apesar das leis federais não preverem essa possibilidade, nas Orientações Curriculares para a Educação Básica do Distrito Federal existem sugestões para que os professores explorem, através das muitas atividades propostas, um estímulo ao desenvolvimento criativo da criança. Muito embora o referido

documento trate abrangentemente de características conteudistas para o exercício pedagógico em sala de aula.

Nesse momento não se pretende realizar uma análise minuciosa da legislação que se refere à infância, porém, identificar como a lei traz a participação da criança nos seus próprios processos de desenvolvimento educativo, psicossocial e cognitivo.

Em Pedagogia Profana, Larossa relata a diversidade de interpretações que a criança recebe sobre as áreas do conhecimento e a posição que tem ocupado na sociedade:

“temos bibliotecas inteiras que contêm tudo que sabemos sobre as crianças e legiões de especialistas que nos dizem quem são, o que querem e o que necessitam, em lugares como a televisão, as revistas, os livros, as salas de conferências ou as aulas universitárias. Podemos ir a grandes lojas e encontraremos roupas de crianças, jogos de crianças, livros de crianças, objetos para os quartos das crianças. Podemos verificar os avisos sobre espetáculos e veremos filmes de crianças, teatro de crianças, música de criança, exposições de crianças, parques de diversões, circos, festas de crianças, programas de televisão para crianças. Se visitarmos a cidade veremos escolas de música para crianças, escolas de artes plásticas, de dança, centros de lazer e tempo livre, ludotecas, centros poliesportivos. Se nos focarmos nos escritórios, veremos que há uma política social e educativa para a infância e, portanto, muitos planos e projetos para a criança, feitos como se fazem os planos e projetos, com um diagnóstico da situação, objetivos, estratégias e uma série de mecanismos de avaliação.” (Larossa, 2011)

É possível averiguar que, apesar da sociedade ter uma produção abrangente voltada ao público infantil, pouca atenção tem sido dada no que diz respeito a sua participação na formação de sua própria cultura. A criança tem sido tratada como ser que recebe e reproduz e não que constrói e participa. E é por meio dessa problemática que esse estudo se desenvolverá.

2 - Envolvimento participativo da criança na educação

Em sua obra sobre portfólio, avaliação e trabalho pedagógico, Villas Boas(2004) aponta exemplos de participação da criança pode na área de avaliação escolar. Os objetivos desse trabalho sugerem uma mudança na cultura organizacional da escola a medida que introduz o conceito de avaliação formativa como aquele em que todos os atores envolvidos no processo educativo participam, avaliam e são por ele avaliados.

“Quanto ao envolvimento dos alunos na avaliação, abre-se a oportunidade de eles se tornarem parceiros dessa importante atividade. Com o cuidadoso acompanhamento dos professores, eles são convidados a participar da definição dos critérios de avaliação do seu trabalho e a aplicá-los. Isso lhes possibilita compreender onde estão e o que deles é esperado. Esse envolvimento é feito considerando-se a idade e o nível de desenvolvimento dos alunos. Desde pequenos eles podem e devem começar a participar das atividades avaliativas, criando-se, assim, a cultura da avaliação desvinculada de nota e de promoção/reprovação e articulada a idéia de que todos são capazes de aprender” (Villas Boas 2004 p.7)

Embora existam estudos sobre a participação dos estudantes nos ambientes escolares, o que realmente verifica-se é a reprodução de como aprendemos na prática. Existe então um distanciamento entre o que é elaborado teoricamente e o que é reproduzido na metodologia e conduta cotidiana dos educadores.

Como experiência na formação em pedagogia, observa-se que as teorias estão desvinculadas das práticas, pois, muitas vezes, os próprios professores que desenvolvem conceitos teóricos inovadores mantêm, em sua intervenção pedagógica, atitudes que contradizem seus respectivos estudos.

Diante disso, questiona-se se as condutas em sala de aula se dão através do que é lido ou do que é aprendido na prática. E essa contradição na formação do educador pode ser um dos motivos das dificuldades em se implementar novidades na educação infantil. Confirmando-se assim o pensamento de Larossa, no que diz respeito a preocupação que é dada ao indivíduo nas mais diversas formas ao reproduzir uma pedagogia que supostamente é considerada segundo o autor - pedagogia profana.

3 - A criança atual gerada na revolução tecnológica

Para situar a criança na atualidade, é necessário verificar também o tempo histórico que ela se encontra. O mundo presenciou grandes revoluções no final do século XIX e no início do século XX. Alguns pensadores defendem que estamos hoje vivendo mais uma grande revolução. Trata-se da revolução tecnológica proposta pelo geógrafo Milton Santos.

Deve-se ter a consciência de que as transformações geradas por essa revolução são também momentos de crise e, que o resultado disso é um mundo totalmente diferente, no que diz respeito a sua configuração política e social. No entanto, a tecnologia por si só não é o que causa a revolução, o que a motiva são os sujeitos revolucionários que dela fazem parte:

“O fato de que o processo de transformação da sociedade industrial em sociedade informacional não se completou inteiramente em nenhum país, faz com que vivamos, a um só tempo, um período e uma crise, e assegura, igualmente, a percepção do presente e a presunção do futuro, desde que o modelo analítico adotado seja tão dinâmico quanto a realidade em movimento e reconheça o comportamento sistêmico das variáveis novas que dão uma significação nova à totalidade.”(SANTOS, P.9, 1992)

Resta aos pedagogos saber que a criança hoje é diferente, principalmente pela revolução que passa. Trata-se de um momento inquietante, de rupturas, e que representa que a criança atual é cidadã, no que diz respeito a sua participação em diversas instâncias da sociedade ao mesmo tempo. Portanto, não fugindo de sua realidade atual, deve-se inseri-la em todos os processos educativos em que ela ativamente participa.

Existe de fato certa resistência às modificações propostas por uma educação revolucionária em oposição à educação ainda tradicional, no entanto, a era atual exige que os profissionais de educação se atualizem e realizem uma releitura de sua prática escolar.

Sabe-se que não é possível, nem se deve, rotular a infância atual de maneira determinista em um momento também de extrema desigualdade social e diversidade cultural, em que os ideais capitalistas ditam os rumos da pretensa globalização. No entanto, para situar o presente estudo, é feito o seguinte recorte histórico e geográfico: a criança aqui referida é oriunda da cidade, é aquela envolvida com um mundo midiático cada vez mais expressivo e que está diariamente em contato com as diversas tecnologias.

Entretanto, não significa que a aplicabilidade das propostas de ruptura paradigmática sejam irrealizáveis em outros contextos. Uma observação mais plural demandaria um trabalho maior e talvez essa proporção seja alcançada por estudos e intervenções futuras na área de filosofia escolar e filosofia com crianças, tendo em vista análises de estudos culturais.

4 - Crianças ou pequenos adultos?

No início desse capítulo, fez-se referência à legislação que trata do assunto, e atualmente, principalmente com o advento da internet, o universo infantil tem acesso a um maior número de informações, aumentando sua participação social. Apesar disso, é necessário saber se a criança é definida como tal pela sociedade, ou se esta possui a intenção de torná-la um pequeno adulto.

Esse tipo de questionamento é explorado em diversos estudos, onde existe a possibilidade da infância ser subtraída pela intervenção de adultos que não prezam pelas regras morais da sociedade.

“A idéia de uma infância que vem perdendo-se, que vem sendo roubada, negada, vitimada, deformada pela volúpia narcísica dos adultos inquietos em fazer deste outro um si mesmo - onde as crianças não conseguem mais ser crianças porque são cada vez mais pensadas e tratadas como se fossem adultos , tornou-se objeto de cuidados e inquietação, elemento para reflexão e debates, questão e problema social de ordem moral, tratados com pânico e urgência, e também matéria de estilização. As sociedades ditas pós-industriais, entre suas violências , estariam cometendo mais esta: a de retirar da infância a possibilidade de ser infantil; e nossas lutas emancipatórias deveriam voltar-se , com prioridade, no mínimo absoluta, contra essa modalidade de perversão em direção a libertação da infância, ao direito de ser criança, ao direito de ter preservados seus direitos infantis”(CORAZZA, p.27, 2004)

Descrever, situar e conceituar a criança é uma tarefa ampla, difícil, mas ao mesmo tempo prazerosa. Percebe-se, pela qualidade do pequeno levantamento bibliográfico por meio desse ensaio, que trata-se do momento de desenvolvimento e espontaneidade sem precedentes. É que adultos têm, não somente a possibilidade de troca, assim como a oportunidade ímpar de parar, ouvir e aprender com esses embora pequenos, surpreendentes filósofos.

Partiremos a seguir para um estudo acerca do paradigma estrutural que compõe o cenário escolar, pois pressupomos ser um impedimento a essa proposta de emancipação filosófica da criança.

CURRÍCULO PARA A FORMAÇÃO DE SUJEITOS HISTÓRICOS

5 – Medo e Ousadia – Introdução de uma Crítica ao Currículo

Paulo Freire propôs em sua jornada em defesa da educação, uma pedagogia que liberta. Verificamos os conceitos de emancipação, libertação e autonomia, na revisão bibliográfica do autor ao pressupormos que o mesmo pode contribuir muito com o objetivo do presente trabalho.

Sobretudo, destaca-se no presente estudo a releitura de Medo e Ousadia, pelo que se propôs acerca da dialógica em toda sua extensa obra, resulta do próprio processo dialógico com outro autor participante. O livro traz uma conversa entre Paulo Freire e Ira Shor (1986), e dessa forma conceitos que seriam essencialmente teóricos se tornam mais claros, pois se aproximam e respondem a inúmeras inquietações percebidas pelo co-autor em sua vivência escolar em confronto a idéias de Freire.

O que nos ajudará a manter contato com a realidade é partir de questões já propostas por professores. Nossas experiências pessoais e as de outros docentes estão contidas naquilo que dizemos. Não se trata de um assunto arquivístico sobre educação. Nem estamos respondendo a perguntas que alguém tenha feito. Talvez possamos captar os dramas da vida real naquilo que aprendemos dentro e fora da sala de aula. Nada mais convincente do que os fatos da vida real. O objetivo principal, para mim, é que a teoria consiga abranger o cotidiano. Este problema de incorporar o pensamento crítico à vida cotidiana constitui sempre um desafio. Talvez em lugar algum isto seja mais importante do que no ensino, que é uma experiência humana cheia de momentos imprevisíveis. Quando escrevo um livro sobre educação, sozinho em casa, estou sem nenhum contato com o público, e me pergunto se minhas palavras têm algum sentido. Mas quando os outros me dizem que, ao ler meu livro, parecia que eu estava falando com eles, então sei que descobri o modo que estava procurando para dizer as coisas. (FREIRE 1986, p 11)

O viés ideológico de Freire em suas proposições está diretamente relacionado à sua formação pedagógica inovadora, em consonância aos ideais marxistas, o que colabora para o caráter revolucionário de sua obra. Verificamos em vários autores que destacam as contribuições de Freire uma explanação prática para a educação popular, sobretudo voltada às classes populares e amplamente trabalhada pela área de Educação de Adultos.

No entanto, em Medo e Ousadia, o diálogo é voltado a uma área totalmente diferenciada, tendo como base uma investigação filosófica em uma nação diferenciada como os Estados Unidos para professores e estudantes de Comunicação em nível superior.

Surge da inquietação da leitura de Ira Shor acerca da questão da motivação para os estudos onde o mesmo interpreta como que a falta de motivação está intrinsecamente relacionado ao engessamento do currículo oficial.

A reação dos estudantes é recusar-se a trabalhar de acordo com o currículo oficial. A pedagogia oficial está motivando os estudantes contra o trabalho intelectual. Essa luta de poder pelo currículo levou as escolas e universidades a um impasse, que vários órgãos oficiais definiram, equivocadamente, como “mediocridade” estudantil. Eu chamo isto de “greve de desempenho” dos estudantes, que se recusam a estudar sob as condições sociais existentes. (FREIRE 1986, p 12)

Diante dessa constatação e crítica, Shor desvenda um aspecto essencial que evidenciamos na objetivação do presente trabalho e dialoga com os aspectos práticos do trabalho de filosofia para criança, reformulando a participação que o educando tem em seu processo educativo tendo em vista o combate a desmotivação no ato de estudar.

Como é que posso motivar os estudantes, a menos que eles atuem comigo? Inventar um curso que se desenvolva com os estudantes enquanto vai sendo ministrado ao mesmo tempo é excitante e produz ansiedade. (...) A educação deve ser integradora – integrando os estudantes e os professores numa criação e recriação do conhecimento comumente partilhado. (FREIRE 1986, p 14)

Nesse ponto me identifico com a explanação que corrobora minha práxis junto a proposta do projeto 4, o estágio supervisionado obrigatório do curso de Pedagogia, o que relatarei adiante.

6 - Filosofia na Escola e o Currículo Oficial

Os currículos extratificados, mesmo os mais diversos são percebidos por diversos pesquisadores como ultrapassados e que ainda enfatizam o decoreba, a punição e, sobretudo a desvinculação da realidade do educando.

Encontramos na Filosofia na Escola a possibilidade de intervenção e a prática de ruptura da manutenção do poder por parte de professores, da equipe

gestora e principalmente da determinação daqueles que realizam política de educação, que no entanto se encontram distanciados da sala de aula.

A leitura que se faz do sujeito escolar, a criança, daqueles que fazem política curricular costuma ser de maneira genérica, não percebendo o indivíduo como sujeito histórico construtor participativo de seu próprio conhecimento filosófico, e que este é capaz de decidir o que quer ou não estudar.

Em minha experiência na Escola Classe 304 norte para a fase 1 do projeto 4 de estágio obrigatório, buscamos os objetivos através de uma construção filosófica juntamente com os alunos e a professora regente estabelecer primeiramente um motivo de ali estarmos presentes para conversarmos sobre filosofia. Dar sentido à prática filosófica se fez necessário desde o primeiro momento de contato, portanto para que pudéssemos construir um caminho peculiar de acordo com a metodologia apresentada, os objetivos foram construídos no decorrer do semestre juntamente com a turma.

Apesar da problemática das questões do tempo, história e filosofia serem lançadas como centrais nesse trabalho, pela obrigatoriedade do tema ser delimitado antes do início do semestre, ao final nossos objetivos tenham sido compreender seus sentidos, empreendemos outras buscas a partir do que as crianças apontaram como vontade de aprender, apesar de reconhecer ser esse um trabalho que teria mais eficácia caso tivéssemos mais tempo do que foi estabelecido.

Ao fim do semestre verificamos através dos diversos métodos avaliativos que a classe compreendeu bem o que significava cada tópico apresentado e que as crianças dominam os conceitos por nós praticados no curso. Percebemos isso pela constante participação nas atividades propostas, e a retomada ao final de conceitos já adquiridos.

Algumas modificações ocorreram na segunda etapa do projeto. De acordo com o referencial teórico apresentado, o papel do educando deveria ser cada vez mais enfatizado. A formulação do planejamento de aulas se tornou ainda mais participativo. Dessa vez a delimitação do tema ficou com a problemática de como poderíamos construir planos de aulas juntos, portanto apesar de termos escolhido o tema sobre filosofia na mitologia grega, diversas modificações ocorreram

durante o semestre, causadas pelos próprios estudantes que desejavam aprender acerca de diversos conhecimentos que não estavam previstos.

A esse exemplo temos o caso da proposta atendida do estudo de geometria e astronomia, inserção de filmes propostos pelos próprios alunos e diversas pesquisas por eles apresentadas a respeito de personagens mitológicos. Vários conhecimentos foram inseridos por meio de conversas e propostas de atividades. Ressalta-se a utilização de uma caixa de dúvidas onde aqueles estudantes cujo personalidade é mais tímida puderam se expressar e requisitar conhecimentos diferenciados.

Entende-se que o profissional que ousa repetir tais tarefas, terá um trabalho diferenciado e um tanto complicado, pois preparar aulas dessa forma exige uma dedicação extra-classe, podendo ser interpretada por alguns como intensificação do trabalho docente. No entanto a responsabilização é também compartilhada, nesse processo e sentido estudantes e professores aprendem e ensinam.

7 - Currículo e/para Formação de Sujeitos Históricos

Uma das maneiras constatadas e enfatizadas pelo presente trabalho para a manutenção de uma ideologia de dominação e manutenção de poder está concentrada, no que vem a se chamar, nos estudos foucaultianos de mecanismos ou tecnologias do eu. Em certo momento de estudo em pedagogia percebe-se há um atrelamento da manutenção de poder ao currículo oficial, aquele como sugere o cumprimento de um programa e manutenção de um conjunto de matérias em que pressupõe-se a formação do indivíduo, o que no entanto tem somente contribuído para uma manutenção de um poder decisório acerca do que deseje-se aprender e ensinar.

Nesse íterim surgem alguns questionamentos que necessitam ser elucidados e alguns conceitos que precisam ficar totalmente esclarecidos. Exploramos alguns termos como a questão do poder moderno que acompanha a noção de que foi desenvolvido e refinado essencialmente nas disciplinas e nas ciências humanas.

“É nas escolas e nas instituições educacionais que devemos olhar para nossas práticas vividas de ensino e aprendizagem com respeito as relações de poder que podem ser subjugadoras e dominadoras[...]

Como profissionais da educação devemos registrar as fortes descrições de Foucault e repensar conceitos educacionais como autoridade, poder, disciplina e pedagogia” (SILVA(org), 1994, p.32)

O mundo atual, no que tem se referido ao ambiente escola, se dedica a respaldar suas práticas curriculares enfatizando a todo o tempo os resultados atingidos, apresentado dados de uma suposta melhora na educação, como tentativa de respaldar a prática de um tipo de gestão verticalizada, onde o currículo é produzido por uma minoria de especialistas que indicam caminhos e metas para a educação. Percebemos a incoerência dessa proposta, a partir de uma transformação das escolas em empresas.

Percebemos a importância de trazer a esse estudo a compreensão do currículo, o que é e o que representa, a partir da leitura da obra “Currículo como Fetiche” de Tomaz Tadeu da Silva.

O autor se refere a atualidade como tempo ambíguo e paradoxal (2010, p.7) onde, enquanto as capacidades são amplificadas e intensificadas, novas identidades são formadas a partir do que refere como uma hibridização de identidades por meio de uma transgressão das proibições e tabus identitários. Do contrário é um tempo em que se percebe que por meio de tecnologias crescentes se vêem aumentadas as possibilidades de exploração e dominação dos seres humanos, uma vez que se percebe diminuídas as possibilidades de desenvolvimento realmente emancipatório.

Nesse sentido o autor percebe que a ínfima e sutil mascara do currículo prepara esse ambiente de manutenção de poder, através do desenvolvimento de uma pedagogia para a dominação. Lembra e cita o conceito de Pedagogia Bancária de Paulo Freire e relaciona essa intencionalidade na formação de currículos.

“[...]análise do caráter socialmente construído do currículo feito pela Nova Sociologia da Educação ou pela crítica de Paulo Freire ao caráter bancário da educação[...] o currículo é espaço onde se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e o político. É por meio do currículo concebido como **elemento discursivo** da política educacional, que os grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua ‘verdade’ ” (Silva, 2010, p 10)

Mais uma vez percebe-se a relação entre prática escolar e uma tentativa de manutenção de poder, sendo que há uma correlação ao que foi apresentado

por Foucault em a ordem do discurso. Cada fala, ou voz de determinado grupo, cala outra voz e dessa forma o poder acontece. É interessante perceber não somente os que falam. Nossa proposta no presente trabalho é analisar aqueles que por esse currículo oficial são silenciados, e por meio de uma intervenção fazer com que ganhem voz.

É interessante verificar que esse currículo tem produzido os sujeitos aos quais fala e os indivíduos aos quais interpela. Esse currículo, portanto, “estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades”(2010, p.12).

O problema é que quando os formuladores desse currículo selecionam o que devem ser aprendido, não levam em consideração o que quer ser aprendido, assim como o que deixa de entrar no que deve ser, forçando os educandos a adequarem-se ao que a eles é oferecido. Vemos negado um direito de escolha e o desenvolvimento de diversos outros problemas, por muitas vezes partilhado por conhecimentos descontextualizados a realidade particular, local e cultural.

8 - O Currículo como Tecnologia do Eu

Em consideração de que a prática de Filosofia na Escola, tanto a observação para o Projeto 3, quanto a intervenção no Projeto 4 fases 1 e 2 proporcionam um maior esclarecimento acerca das idéias das relações de poder, propostas por Foucault em *Microfísica do Poder*, *Vigiar e Punir* e *a Ordem do Discurso*. Obras que foram objetos de releitura no presente estudo e que ficaram claras na obra organizada por Tomaz Tadeu da Silva, *O Sujeito da Educação* relacionando a educação à estudos foucaultianos.

Para entendermos o que Foucault quis dizer e relacionar ao campo das idéias na prática educativa necessitou-se primeiramente entender alguns conceitos básicos e elementares.

Compreende-se que para Foucault, verdade e poder estão mutuamente ligados (Gore, in Tadeu da Silva,1994) onde essa verdade está estabelecida em certos regimes de verdade, que tratam-se de sentenças estabelecidas tendo em vista a manutenção do poder, ou seja os discursos historicamente constituídos, conceitos que disseminados são geralmente aceitos como senso comum.

A conceituação de Governo em *Microfísica do Poder* como aquele organismo que estrutura o campo possível de ação dos outros, está em nosso

caso presente no engessamento do currículo oficial, ou seja, na própria estrutura física e política escolar. Trata-se de um poder disciplinar exercido por meio de sua invisibilidade através das tecnologias normalizadoras do eu (1994,p12). Então esse poder é conceituado como aquilo que é visto, mostrado e manifestado.

A questão curricular é também explorada por James Marshall, ainda na obra *O Sujeito da Educação, como Tecnologia do Eu*, cujas técnicas são utilizadas por parte daqueles que desejam manter o poder, no caso em questão os dominadores desejam manter a dominação. Foucault, nesse caso, não está, segundo Marshall, interessado nas questões centradas no “que” e no “quem” e sim no “como”. O que nos sugere a releitura para um refazer da prática em sala de aula.

Percebe-se pelas propostas dos estudos foucaultianos que o poder repressivo: coercitivo e opressivo, tem sido tratado como mercadoria, ideia vendida pela ideologia liberalista como algo interessante a educação, ou seja, para essa ideologia trata-se de algo bom. É repassado o sentido de que o Estado não intervindo na educação, oportuniza as tomadas de decisão individuais, contribuindo para a formação de cidadãos.

Deve-se tomar cuidado com esse tipo de colocação, pois se opõe aqui ao sujeito histórico, cidadão que propõe-se no objetivo do trabalho de filosofia com crianças, com o caráter crítico, emancipatório e que se desenvolve filosoficamente. Trata-se de uma falsa autonomia demonstrada pela falta de responsabilização de quem detém o poder:

“a compreensão que temos de nós mesmos como pessoas capazes de efetuar escolhas livres e autônomas é, ela própria, uma construção que permite ser governados, tanto individual, como coletivamente” (Silva, 1994, pg 22)

Nesse paradigma Liberal a autoridade é exercida no “interesse da criança” e sua suposta autoridade, traduzida comumente como controle de turma, é legitimada pelo peso conceitual, teórico e prático, previsto por seus pensadores como um mal necessário.

Dessa forma existe uma verdadeira batalha no campo da ciência educativa atualmente para a propagação de uma pedagogia com o caráter inovador, porém que serve a propósitos de manutenção da governantabilidade

daqueles que detém o poder. Então falsamente propagam uma suposta educação libertadora.

9 – Configurações no espaço escolar e a questão do poder.

Outra conceituação que é interessante ser traçada é a de microfísica, que corresponde aos diversos níveis de sociedade dentro de uma sociedade.

“É verdade que as relações de poder podem fazer com que nos tornemos sujeitos, isto é, indivíduos com certa identidade, os quais, como sujeitos, podem ser sujeitados? Como o poder vem a existir? É nos blocos disciplinares que o poder/saber é desenvolvido e “exercido” de acordo com o saber que é ele próprio, o produto do exercício do poder. Isto é, as relações de poder; Sua própria existência, por sua vez, tem o saber como um de seus efeitos.”(Silva, 1994, pg 24)

A quebra de paradigmas estruturais é o primeiro exemplo que identifica-se na prática, onde diariamente pode-se, ou não, modificar a ordem como a sala estava configurada: trocar as tradicionais fileiras pelo círculo, demonstra a quebra de um desses aparelhos utilizados para a manutenção de poder, não apenas no ambiente educativo, assim como nas indústrias, nas igrejas e em todas as instituições que trabalham para a perpetuação de prática de poder:

“A noção de poder disciplinar é vividamente ilustrada na apresentação que Foucault faz do Panóptico de Bentham: uma estrutura arquitetônica criada principalmente para as prisões, na qual células individuais na periferia do edifício circundam uma torre central. A contra-iluminação criada por janelas internas e externas permite a observação de cada cela a partir da torre central, assegurando ao mesmo tempo que os prisioneiros não possam saber se estão sendo observados. Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegure o funcionamento automático de poder, o poder disciplinar torna-se assim internalizado.” (Silva, 1994, pg 24)

Alienígenas em sala de aula aborda as culturas negadas e silenciadas pelo currículo (Silva 2008, p. 159) no entanto identifica que haja uma certa intencionalidade para que o formato físico do lugar propague essa função.

“muitas propostas de escolarização mantêm ainda uma forte estrutura fordista, no sentido de que seu modo de funcionamento se assemelha ao da cadeia de montagem de uma grande fábrica. Assim os alunos/as se posicionam de forma fixa em sua carteira e diante deles/as vão passando diferentes matérias e professores/as a um determinado ritmo [...]” (Silva 2008, p 160)

As diversas proposições acerca da forma escolar reafirmam o esquema perpetuador de poder repressor que a educação pode proporcionar. E de como o formato pode abrigar a não formação de sujeitos históricos. Resta intervir pela modificação também estrutural e dessa forma questionar e desestabilizar o esquema. O projeto Filosofia na Escola mostrou-se capaz de realizar tal proposição.

ABERTURA - ANTI-CONCLUSÃO

Assim como em metodologia no início nos referimos ao presente trabalho como uma contra-metodologia, aqui nos respaldamos mais uma vez na obra de Silva (2010) para uma anticonclusão ou uma abertura, sabendo que são infinitas as possibilidades de trabalho em filosofia com crianças. Portanto sabemos que futuros trabalhos irão não somente complementar, mas possivelmente refutar os argumentos aqui mencionados. Ainda assim pela incompletude do trabalho podemos ainda contar com diversos contra argumentos, algo que é extremamente saudável a realização de trabalhos acadêmicos e que contribuem para uma universidade que se forma não com um pensamento único, mas que preza pela pluralidade de pensamentos tais como propostos em seus ideais.

Filosofia com crianças não tem limites, portanto esse trabalho também não poderia ter um fim. Estamos apenas começando, e não acabaremos rapidamente. Por mais que tentem silenciar, não conseguirão parar o filosofar de uma criança em todo tempo presente no seu brincar, imaginar e criar. Não há limites para o pensamento desses sujeitos históricos.

Mudança a partir da prática e o campo de atuação

No primeiro semestre de 2011, já no oitavo semestre do meu curso de graduação em Pedagogia, escolhi estagiar na área de filosofia na escola. Isso se deu devido a estudos anteriores na Pedagogia acerca do currículo da educação básica. Percebi que as implementações políticas e curriculares em sua grande maioria levam somente em consideração as escolhas da equipe gestora e docente, e que seus pressupostos orientadores se encontram nas diretrizes curriculares propostas, quase que impostas, pelos órgãos reguladores – Secretaria de Educação e Ministério da Educação às escolas da rede de ensino.

Propostas de gestão participativa estão de certo modo sendo colocadas em voga em diversos documentos, no entanto sabemos que na prática se torna um tanto difícil devido a questões sociais e culturais, que distinguem nossa cultura organizacional escolar objetivando as necessidades de preenchimento do mercado de trabalho, tendo em vista o suposto progresso nacional. O que caracteriza as

políticas públicas de educação de cunho neo-liberal amplamente exercidas e difundidas no Brasil.

A seguir encaminhamos relatos acerca de observações realizadas no projeto 3 e 4:

3.1 – Projeto 3

Apresento a seguir um resumo do planejamento e execução das aulas que tinham por pretensão trabalhar a identidade com as

15/04/2011- AULA 01: O QUE É FILOSOFIA?

Descrição:

Ao iniciar a aula será feita uma breve apresentação, onde explicaremos o nosso propósito. Construiremos o conceito de filosofia, no qual os alunos serão a referência, ou seja, a partir do que eles acham chegaremos a esse objetivo. Após será feita um jogo em que deverão falar a primeira palavra que pensarem sobre o tema filosofia. Ao final retomaremos o que foi falado sobre filosofia.

Objetivo geral:

Compreender e interpretar o que é filosofia, na tentativa de construir, coletivamente, o conceito.

Objetivo específico:

Ser capaz de conceituar a filosofia

Apropriar-se da filosofia

29/04 - AULA 02: QUEM SOU EU NO MUNDO?

Descrição:

Ao iniciar a aula apresentarei o quadro da artista Tarsila do Amaral e permitirei que comentem um pouco sobre o que estão vendo. Após contarei a história do quadro levantando aspectos relativos ao local de onde ela veio e de onde eles vêm. Serão levantados questionamentos relacionando a questão “o lugar de onde venho interfere em quem eu sou?”. Dessa maneira, eles usarão o auto-retrato para falar um pouco de si, aprofundando sobre o tema identidade.

Objetivo geral:

Perceber-se como ser ativo do local em que vive e elementos que se integram a sua personalidade.

Objetivo específico:

Refletir sobre si, numa busca de criar/reconhecer uma identidade

Reconhecer a influência que recebem do meio bem como a que exercem sobre ele.

06/05 - AULA 03: O QUE É DIÁLOGO?

Descrição:

Os alunos serão questionados sobre o que é diálogo, e o que é possível ser conversado, na tentativa de que reconheçam que tudo pode ser resolvido através dele. No entanto, a turma terá de chegar ao tema usando “tiras” de quadrinhos da turma da Mônica do autor Mauricio de Sousa. Os alunos serão divididos em pequenos grupos para que conversem e se atentem as perguntas. Por fim, conversaremos sobre os tipos de diálogo e farei a leitura do trecho da Transcrição do Discurso de Severn Suzuki na ECO 92, enfatizando a importância e o efeito do diálogo.

Objetivo:

Reconhecer a importância do diálogo nas interações que se estabelecem no dia-a-dia.

Objetivo específico:

Refletir sobre o diálogo e suas implicações.

Estabelecer relações entre o diálogo e o respeito.

Promover o hábito do diálogo, reconhecendo sua influência na construção da identidade.

13/05 - AULA 04: O QUE É VIOLÊNCIA?

Descrição:

A palavra Violência será escrita no quadro, solicitando que os alunos me digam o que é, e juntos possamos chegar a uma definição. Será exposta uma caixa com relatos de violência e através dessa trabalharemos os seus tipos e o que fazer para evitá-las. Ao final, será feita uma conclusão em conjunto.

Um grupo será o acusador e o outro a defesa, assim todos poderão participar e ao final discutiremos a importância do diálogo em todas as relações.

Objetivo geral:

Analisar e identificar a violência realizando um trabalho informativo onde os alunos serão os construtores deste.

Objetivo específico:

Compreender a violência em sua forma negativa e conscientizar sobre outras formas de resolver problemas, evitando-as.

Identificar os tipos de violência.

Propor reflexões que levem o aluno ao enriquecimento cultural, à qualidade de vida e à preocupação com o equilíbrio ambiental.

PARTE III – PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO COMO PEDAGOGO

Pretendo como pedagogo formado me dedicar profissionalmente para que de maneira mais ampla consiga influenciar pessoas a perceberem que na educação existe uma grande possibilidade de mudança na sociedade. Com a formação reafirmo meu sonho e posso realmente agora me respaldar para falar com mais propriedade sobre o assunto.

Quero atuar principalmente na educação pública e dessa forma alcançar as periferias e locais onde demande um esforço por minha parte. Para que eu tenha um diferencial na profissão, pretendo preparar-me para toda aula que for ministrada. Quero dessa forma, preparar bem as aulas.

Meus objetivos em relação a profissão são também de continuidade dos meus estudos. Quero me preparar para realizar em breve especializações na área de educação e assim me manter atualizado e melhorar meu currículo. Sobretudo quero aumentar a quantidade de leitura, produção de artigos e publicações. Assim pretendo realizar um mestrado no próximo ano e para isso prepararei meu projeto ano que vem.

Estou aberto também a novas experiências e oportunidades que surgirem. Apesar do desejo de dar aula em escolas públicas, caso haja oportunidade de atuar no ensino particular aceitarei. Farei de qualquer oportunidade na área como parte integrante da minha experiência curricular e considero que a pedagogia não deve limitar sua atuação, conforme já realizei pesquisas acerca do assunto no decorrer do curso.

Gostaria de me apropriar do perfil do egresso pressuposto pela Universidade de Brasília o qual cito a seguir:

“O perfil de egresso a ser construído por meio da formação profissional de nível superior nas diferentes áreas do conhecimento é constituído de:

- Espírito científico, pensamento reflexivo e estímulo à criação cultural;
- Aptidão para a inserção nos diversos setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira;
- Capacidade de investigação científica, e de criação e difusão da cultura;

- Domínio de conhecimentos culturais, científicos e tecnológicos, e capacidade de comunicar esses conhecimentos por meio do ensino, de publicações e de outras formas de divulgação científico-cultural;
- Capacidade de desenvolver trabalho colaborativo;
- Desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional.”

Futuramente pretendo atuar na Educação Superior, pois fiquei bastante motivado com o ambiente acadêmico da universidade e percebo pela prática que posso servir a formação de outros profissionais de educação caso me capacite mais. Creio que isso não será fácil, mas hoje através de uma porta que se abriu com o trabalho de pesquisa sobre Educação a Distância numa parceria entre a Universidade de Brasília e diversas outras federais, percebo que talvez trilhe a docência universitária.

Nos próximos meses me prepararei em língua inglesa, e farei projeto de pesquisa para o mestrado em educação. Caso passe, em breve retornarei a universidade de Brasília como aluno do programa de pós-graduação.

Enfim, quero me comprometer com a educação em todos os níveis, crendo que esse é o principal foco da minha profissão e dessa forma servir a sociedade que custeou através do pagamento de impostos revertidos a educação superior a minha formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIA:

ARAÚJO, Mário

História e dialética simplificada

<http://www.paradigmas.com.br/parad13/p13.4.htm> - *acesso em 23 de novembro de 2011*

BRASIL,

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990

Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm - *acesso em 23 de novembro de 2011*

BRASIL,

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO - LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm - *acesso em 23 de novembro de 2011*

BULFINCH, Thomas

O livro de ouro da Mitologia

Rio de Janeiro, Ediouro, 1999

BURKER, Peter

A escola dos Annales(1929 – 1989): A revolução francesa da historiografia – São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP, 1997

CARR, Edward Hallet,

Que é História? Rio de Janeiro 1982, Paz e Terra

CORAZZA, Sandra Mara – História da Infância Sem Fim. 2ª Edição – Ijuí – Ed. Unijuí, 2004

DISTRITO FEDERAL,

ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO DISTRITO FEDERAL PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Disponível em :

http://www.ec304n.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=138:orientacoes-curriculares&catid=39:gerais-da-escola - acesso em 23 de novembro de 2011

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira

Medo e Ousadia,- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

FREIRE, Paulo

Pedagogia do Oprimido, 17ª edição Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo

Política e Educação: Ensaios, 5ª edição São Paulo, Cortez, 2001.

FOUCAULT, Michel

L'ordre Du discours. Leçon inaugurale au College de France. 1970

KOHAN, Walter Omar

Pensando a prática da Filosofia na Escola

Disponível em :

<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/fundamentos.html> - acesso em 23 de novembro de 2011

KOHAN, Walter Omar

A infância da Educação: O Conceito Devir-Criança

Disponível em:

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html> - acesso em 23 de novembro de 2011

LARROSA, Jorge

Pedagogia Profana – Porto Alegre, RS: Contrabando 1998

Disponível em:

http://aprender.unb.br/file.php/1210/Biblioteca/Larrosa_O_enigma_da_infancia.pdf
acesso em 23 de novembro de 2011

MARTINS, Pura I. Oliver

Relação conteúdo-forma: Expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista - Didática: O ensino e suas relações/ Ilma Passos Alencastro Veiga(org) Campinas, SP, Papirus 1996

SANTOS, Milton

Território e Tecnologia – São Paulo, SP: Terra Livre 1992

SILVA, Juremir Machado da

O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES – Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da(org)

Alienígenas na sala de aula, 7 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

SILVA, Tomaz Tadeu da(org)

O Currículo como Fetiche: A poética e a política do texto curricular 1 ed. – Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da(org)

O Sujeito da Educação, estudos foucaultianos, 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

SILVEIRA , Fabiane Tejada da

A FORMAÇÃO DO SUJEITO HISTÓRICO: UM OLHAR NA PERSPECTIVA
DA TEORIA CRÍTICA

<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/037e4.pdf> - *acesso em 23 de novembro de 2011*

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - Disponível em :
http://www.unb.br/administracao/decanatos/deg/downloads/coord_ped/PPPI%20UnB.pdf – *acesso em 23 de novembro de 2011*

VILLAS BOAS, Benigna M. de F.

Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico, 2ª edição, Campinas, SP: Papyrus, 2004